

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

**AMANDA PEREIRA LEITE**

DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES  
AFRICANAS NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Rio de janeiro

2016

AMANDA PEREIRA LEITE

DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES  
AFRICANAS NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Escola de Biblioteconomia do  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial à obtenção  
do grau de acharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti  
de Miranda.

Rio de Janeiro

2016

L533 Leite, Amanda Pereira .  
Documentação e memória das religiões de matrizes africanas na  
Região Sudeste do Brasil / Amanda Pereira Leite. -2016.  
45 f.

Orientador: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em  
Biblioteconomia)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de  
Janeiro, 2016.

1. Religiões de matrizes afro-brasileiras. 2. Memória.  
3. Documentação. I. Título.

CDD:299.016815

AMANDA PEREIRA LEITE

DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES  
AFRICANAS NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Escola de Biblioteconomia do  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial à obtenção  
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda - Orientador

---

Prof. Dr. Eduardo da Silva Alentejo

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Brisa pozzi de Sousa

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu irmão André Luiz, que não está mais aqui comigo, mas sei que de onde ele estiver me vendo, estará muito orgulhoso.

A Cícero Eutrópio Magalhães, por seu enorme coração e bondade, por ter me dado a oportunidade de um emprego, por ter me incentivado a sempre buscar conhecimento. Meu padrinho de alma e coração muito obrigada.

## AGRADECIMENTOS

A Deusa e ao Deus, Grandes arquitetos do Universo;

Aos meus Inkises Dandalunda, Zazi e Kabila que não me fizeram desistir nunca, mesmo na maior adversidade; Meus guias espirituais, aos encantados, às forças de todos os caminhos, que estão sempre comigo e que me protegem;

Aos meus pais, por tanto amor, carinho e compreensão e por terem me forjado o que sou hoje em dia, mesmo em meio a tantas atribulações sempre conseguimos superar com coragem, força e fé pois somos uma família, e família não é a perfeita, sem problemas, família é aquela que quando um cai, os outros ajudam a levantar. Somos como hastes finas, qualquer brisa nos verga, mas nenhuma espada nos corta. Amo vocês;

Aos meus sobrinhos Felipe e João, os amores da minha vida e o tesouro mais precioso que meu irmão pode me deixar.

Ao meu Psicólogo Marco Aurélio que me ajudou no momento em que mais precisei de forças para não desistir. Não tenho palavras para expressar toda a minha gratidão por ter me amparado e feito descobrir uma força que achei que não tinha. Muito obrigada!

Aos meus grandes amigos que sempre estiveram comigo, pois um trabalho de pesquisa não é feito sozinho; foi por meio de muita leitura e compreensão do texto e da ajuda muitas vezes dos amigos a quem recorremos para nos dar àquela força ou nos tirar uma dúvida. Quero agradecer em especial à Aline Galaxo e Viviane Marinho pela amizade que ultrapassou os muros da universidade e eu sei que será para a vida toda. Ao grupo dos Sujos, por todas as boas lembranças e os bons momentos. À Érica Reigoto, Andreia Ferreira, Aline Pereira, Bruno Copque, Luciano Vieira e a Ebá Lima. Obrigada por existirem em minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda, professor por quem tenho grande admiração por ter aceitado ser meu orientador nesse

momento tão único e especial que é um trabalho de conclusão de curso. Obrigada por todo o suporte que o senhor me deu, por toda atenção. Educar é um dom e quem o possui é um ser abençoado. Obrigada de coração.

Á todos que de alguma forma ajudaram, deram conselhos, apoiaram, tiveram paciência comigo e fizeram parte dessa jornada eu agradeço de Coração. Que a Deusa os abençoe sempre.

Gratidão.

*A padê olonã ê mo juba ojixé  
Auá xê auô, auá xê auô, auá xê auô  
Mo juba ojixé.  
(Vamos encontrar o Senhor dos Caminhos  
Meus respeitos àquele que é o  
Mensageiro,  
Vamos cultuar, vamos cultuar, vamos  
cultuar.  
Meus respeitos àquele que é o  
Mensageiro).  
(Cantiga para Exu, Nação keto)*

## RESUMO

As religiões de matrizes africanas têm como característica a tradição passada oralmente dentro de seus terreiros, roças e barracões por meio da hierarquia daqueles considerados mais sábios e antigos dentro da religião, fazendo com que a cultura e identidade de seu povo não se percam. O presente trabalho tem por objetivo identificar a documentação existente sobre as religiões de matrizes africanas, buscando biografias sobre o tema com foco na Região Sudeste do Brasil. Deseja mostrar como as religiões afro brasileiras tomaram novas identidades agregando novos valores culturais de outros povos e adquirindo uma identidade única.

Palavras chaves: Religiões de matrizes africanas. Documentação. Preservação.

## **ABSTRACT**

Religions of African origin are characterized by a tradition passed down orally within their yards, gardens and sheds through the hierarchy of those considered the wisest and old within the religion, causing the culture and identity of the people are not lost. This study aims to identify existing documentation about the religions of African origin, searching for biographies on the subject focused in southeastern Brasil. Wish show how Brazilian african religions have taken new identities adding new cultural values of other peoples and acquiring a unique identity.

Keywords: Religions of African origin. Documentation. Preservation

## **SUMÁRIO**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>O Candomblé</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>A Umbanda</b>	<b>17</b>
<b>2.3</b>	<b>A Quimbanda</b>	<b>22</b>
<b>2.4</b>	<b>O Omoloko</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>MEMÓRIA</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>38</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano sempre teve certo fascínio pelo divino, pelo desconhecido e a necessidade de dar sentido ao mundo que o cerca, o levando a fundar incontáveis sistemas de crenças, cerimônias e cultos, com o objetivo de se ligar ao desconhecido, ao divino, ao oculto. Tal ligação do ser humano com a natureza é a primeira manifestação de fé e de ligação com o sagrado, tornando-se assim um ser religioso.

De acordo com Weber (1978), a religião é a chave para processos culturais mais amplos como o desencantamento do mundo e a secularização. A interpretação da religião possibilita o estudo e a compreensão de cada um de seus segmentos e de sua individualidade “mágica e sagrada”.

As religiões têm como papel principal “religar” o homem ao sagrado gerando uma conexão divina e muitas vezes inexplicável, o que gera experiências nas quais são empregados valores únicos a elas. Essas experiências contribuem para construção e afirmação da identidade religiosa, formando assim a memória religiosa. “O ato Religioso nasce no âmbito pessoal profundo e se difunde na totalidade da experiência nas diferentes dimensões humanas”. (REHBEIN 1985,p.212)

Este trabalho tem como objeto geral as religiões de matrizes africanas, mostrando como se desenvolveram e tomaram identidade própria no Brasil, abordando sua criação, permanência e resistência em um país que sempre sofreu a influência do catolicismo, mostrando como a religião e a cultura repassadas oralmente ainda sobrevivem em suas comunidades – terreiros e se destacam como territórios concretos e simbólicos de Ancestralidade dos povos negros. Elas são a preservação, reelaboração e reconstrução da memória e do valor ancestral presentes no Brasil.

A oralidade exerce papel fundamental na transmissão dos valores das comunidades de Santo, pois: “ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento,

ciência natural, iniciação a arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar uma Unidade primordial” (Hampaté Bâ, 1982).

Os objetivos propostos neste trabalho são estabelecer relações entre religião e memória; evidenciar a importância dos registros das práticas religiosas e contribuir para a preservação da memória das religiões.

Para alcançar os objetivos propostos iremos discorrer sobre as religiões de matrizes africanas existentes na região sudeste do Brasil, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. A região sudeste é onde nasceram cultos afros importantes no País, como a Umbanda, religião brasileira com forte influência nos cultos afro como o Candomblé. O Omolokô, que nasceu nas fazendas do Rio de Janeiro, motivo pelo qual o local onde se realizam seus cultos até hoje é conhecido como “roça”, as nações de Candomblé que resistem em muitos estados, como é o caso do Jeje em Minas Gerais e a Angola no Rio de Janeiro, e a Quimbanda, cultos que até hoje sofrem muitos preconceitos, mas que resistem com a ajuda de seus seguidores.

Buscando entender a construção social da memória das Religiões de Matrizes Africanas na região sudeste do Brasil que esta passando por um momento político e social favorável, onde o Estado Brasileiro, sob a pressão política dos movimentos sociais das mais variadas filiações, criou dispositivos jurídicos para garantir o direito à reelaboração e à construção das memórias antes silenciadas, como destaca Pollak (1989) em “Memória, esquecimento e silêncio” onde diz que em momentos históricos o silêncio era imposto e as memórias ressurgem em outros momentos por hora já permitidos.

Pollak (1989) também afirma que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separam, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias ocorrem à emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente.

## 2 AS RELIGIOES DE MATRIZES AFRICANAS

As religiões de matrizes africanas tomaram novas proporções e identidade em solo brasileiro, resultado da diversidade de povos e crenças trazidas para cá pelos africanos, assimtambém como sua cultura, filosofia, costumes e organização social e política, e que teve grande impacto na sociedade brasileira, assim documentado por estudiosos como Verger em seu livro *Fluxo e Refluxo* (1987) o qual relata à presença a partir da segunda metade do século XVI a vinda dos Navios Negreiros para o Brasil.

A Escravidão trouxe os negros, e com eles uma nova cultura, outra religião. A história da cultura dos povos oriundos da África, transplantados para o Brasil propõe a anteposição de níveis culturais diferentes, como diversas eram as origens sociais dos escravos e a linguagem por eles usada tanto no cotidiano quanto na línguacerimonial, nos casos de transes religiosos. (CASTRO 2001)

No que diz respeito às religiões de matrizes africanas, mesmo havendo uma “mistura” étnica, o que resultou muitas guerras entre tribos rivais, “[...] a mistura de etnias atrapalhou bastante as alianças entre os negros com fins conspiratórios [...]” (LOBO, 2008, p.166), as religiões auxiliaram nas alianças e na solidariedade entre as etnias de ideologias comuns.

Contudo, apesar da negação sistemática dessas crenças, as religiões africanas puderam sobreviver no exílio porque, como sistema de crenças, foram reelaboradas e reproduzidas como um mecanismo ideológico no qual se fundamentaram, em parte, as próprias lutas de liberdade dos negros da diáspora (NEVES, 1986, p. 172).

Bastide (2001) declara que :

A escravidão destruiu toda a organização social dos negros africanos... mas deixou intacto o mundo dos valores, das ideias e das crenças religiosas”; [...] “a escravidão causou uma censura entre as superestruturas e as infraestruturas. As estruturas sociais africanas foram quebradas, os valores foram conservados... As superestruturas tiveram que secretar a sociedade.

As religiões de matrizes africanas são prova da resistência do Negro à escravidão e da sua luta pela liberdade. Para fins deste trabalho consideramos religiões de matrizes africanas o Candomblé, a Umbanda, a Quimbanda e o Omoloko por serem segmentos dentro da cultura Afro mais disseminados pelos historiadores e estudiosos de religiões de matrizes africanas e com maior concentração de seguidores e diversidade de culto na região sudeste, tema deste trabalho.

## 2.1 O Candomblé

De acordo com Verger (1981) a palavra candomblé é de origem Bantu (Kimbundu) ,vem de uma junção das palavras Kandombe-Mbele que significa pequena casa de iniciação dos negros.Segundo alguns outros pesquisadores a palavra seria uma modificação fonética de Candombé,que seria um tipo de atabaque,instrumento sagrado utilizado dentro das roças e barracões para “chamar “os orixás,ou que viria de Candonbidé,que significa louvar ou pedir por alguém ou por alguma coisa.

Trazido pelos lorubás através da diáspora negra, ou seja, a vinda dos negros para o Brasil com a finalidade de escraviza-los, o culto aos Orixás, como são conhecidos os seus Deuses se difundiu no Brasil, formando dentre outros segmentos religiosos o Candomblé, culto dividido em Nações, palavra essa que não tem o significado políticoe sim de discriminar as tribos dos quais fazem parte determinado culto, entre eles:

*Nação Jeje*, formados pelos povos Fon vindos do Dahomé e pelos povos Mahins. Jeje era o nome dado de forma pejorativa às pessoas que habitavam o leste. A palavra Jeje vem do idioma Yorubá Adjeje,que significa estrangeiro, forasteiro.Seus Deuses são chamados de Voduns;

*Nação Ketu*, nome do antigo Reino da África, ocupada atualmente pela República Popular de Benin e pela Nigéria. É a maior e mais popular nação do Candomblé, e seu idioma é o Yourubá;

*Nação Angola*, compreende a região de Angola e Congo, e se desenvolveu entre os escravos que falavam o dialeto Quimbundo e Kikongo.São facilmente reconhecidos pela man-eira diferente de cantar e dançar e pela sua ritualística diferenciada.

O candomblé no Brasil assumiu uma identidade própria, com cultos diferentes o que fez dele um culto afro brasileiro, uma cultura africana em solo brasileiro. Ocandomblé na África é caracterizado por ser uma religião patriarcal, porém aqui no Brasil ele se consolidou através da força e resistência matriarcal em querer preservar um pouco da cultura de sua terra natal.

No Candomblé a religião se baseia na crença em um Ser Supremo (Olorum), criador de tudo e de todos. Ele se manifesta através das forças da natureza que são divinizadas como Orixás (Ketu), Inkisses (Angola) e Voduns (Jeje). Dentre o Panteão de Divindades temos o trovão e o raio que se identificam com Xangô, a tempestade e o fogo com Iansã ou Oyá, a chuva e os rios com Oxum, a fertilidade com Iemanjá, o arco-íris com Oxumaré, as folhas com Ossaim, as enfermidades com Obaluaíyê, a transformação com Omulu, a fauna com Oxóssi, a guerra com Ogum, as margens dos rios e riachos com Logum-Edé, as águas paradas e os pântanos com Nanã Burukê. Os orixás, enquanto divindades ligadas à ordem cósmica regulam as relações sociais, a ética, a disciplina moral de um grupo ou de um segmento (SANTOS, 1986, p. 102).

Os Yorubás acreditam que o ser humano ao nascer herda as características dos Orixás, tais como seu temperamento, personalidade, propensões e desejos como relatado em mitos, a pessoa nasce sob a influência daquela divindade em sua vida. De acordo com Pierre Verger, em seu livro *Os Orixás (1981)*, a Religião dos Orixás está ligada à família, uma família numerosa:

O Orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceria vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização o poder, axé, do ancestral-Orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.

Os Mitos dos Orixás, conhecidos como Itans pelos Yorubás encontram-se nos poemas seculares retidos pelos Babalaôs e por eles e pelos Babalorixás e Yalorixás transmitidos oralmente ao longo dos séculos. A temática envolve a criação do mundo e sua divisão entre os orixás, homens, animais, plantas, elementos da natureza e vida na sociedade. Pelo culto se alcança o Passado e se explica a origem de tudo, pelos mitos se interpreta o Presente e se produz o Futuro, nesta e na outra vida. No Brasil, os mitos se mantiveram difusos na memória final. (PRANDI, 2001 p. 24-25)

A religião foi perseguida e silenciada em vários momentos históricos no Brasil até se estabelecer como uma religião. Durante a Escravidão, os negros eram

proibidos de proferir sua crença, pois a religião obrigatória no Brasil Colônia era o Catolicismo. O Candomblé é tido como uma prática demoníaca e condenada pela Igreja Católica. Em um segundo momento na história durante o estado ditatorial do regime do Governo Vargas e durante o Golpe Militar, período que compreende entre 1964 a 1984, ficando então a prática religiosa proibida e até mesmo perseguida. A partir daí o culto as Deidades foram liberadas e os terreiros reabertos para seus cultos.

De cunho construtivista, o Candomblé defende a identidade sendo o resultado de uma evolução histórica e de interpretações contínuas, em um processo dinâmico e transformador diante de outras entidades do espaço social e de outros contextos culturais.

Grandes sacerdotes tiveram destaque na história da constituição e da formação daquilo que conhecemos por Candomblé hoje em dia, que lutaram e lutam para preservar a história e a cultura Africanista no Brasil como a figura lendária de Joãozinho da Gomeia, Mãe Meninha do Gantois, Omindarewá, Tancredo da Silva Pinto, Obarayin, entre outros. Podemos destacar também os pesquisadores sobre a cultura e religião africana em solo nacional, como Raul Lody, Roger Bastide e Pierre Verger. Este último refez os laços entre Brasil e África, integrando a religião ancestral com a nova vertente trazida pela Diáspora por meio dos navios negreiros.

## 2.2 A Umbanda

Religião denominada brasileira advinda do sincretismo da religião africana com doutrinas cristãs, tais como o Catolicismo e Kardecismo, tem versões distintas sobre seu surgimento. Nas fazendas onde era utilizada a mão de obra escrava não era permitida a prática do Candomblé por ser considerada maligna e terminantemente proibida pela Igreja Católica sendo imposto pelos senhores de terras a obrigação de frequentar missas católicas a fim de “cristianizar” seus escravos. ( Giumbelli,2002)

Vendo esse impedimento e imposição religiosa, os escravos passaram a utilizar imagens em seus cultos para driblar a proibição imposta pelo catolicismo podendo assim realizar seus cultos. Dava-se início ao sincretismo religioso, onde cada santo católico representava um determinado orixá, como abaixo apresentado no quadro:

<b>CATOLICISMO</b>	<b>UMBANDA</b>
Santa Barbara	Iansã
Nossa Senhora Aparecida	Iemanjá
Nossa Senhora de Sant'Anna	Nanã Buruquê
São Jorge	Ogum
Jesus Cristo	Oxalá
São Jerônimo	Xangô
Nossa Senhora da Conceição	Oxum

Título: Sincretismo.

Fonte: A Autora, 2016.

A outra versão corresponde à primeira incorporação de um espírito de Umbanda, tendo Zelio de Moraes um papel importante no surgimento e consolidação da umbanda como religião. Conta a história reproduzida no livro de J. Alves de Oliveira [19??], que aos 17 anos Zelio apresentava um quadro de doença, o levando a uma reunião da Federação Espírita de Niterói, onde manifestaram - se espíritos que se diziam pretos escravos, de índios e caboclos, não sendo bem aceito de início pelos dirigentes do Centro Espírita. Porém, próprio Zelio incorpora uma entidade que se denomina Caboclo Sete Encruzilhadas, como segue o relato:

Às 20 horas, manifestou- se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que se iniciava naquele momento um novo culto em que os espíritos de velhos africanos, que haviam servido como escravos e que,

desencarnados, não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase exclusivamente para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos de nossa terra poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal desse culto, que teria como base o evangelho de Cristo e como mestre supremo Jesus. O Caboclo estabeleceu as normas em que se processaria o culto: sessões das 20 às 22 horas, os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito. Deu também nome desse movimento religioso que se iniciava; disse primeiro Allabanda (ou um dos presentes assim anotou), mas considerando que não soava bem a sua vibratória, substituiu por umbanda, palavra de origem sânscrita que se pode traduzir por “deus ao nosso lado”, ou “o lado de Deus”.

Com forte base Kardecista, a Umbanda tem como função principal a doutrinação das entidades através da elevação do médium e a prática da caridade, integrar o homem com a natureza através de suas entidades como Caboclos e Pretos Velhos, entidades consideradas muito elevadas que vem a terra para ajudar as pessoas em seus caminhos.

No *Dicionário Histórico das Religiões*, Azevedo (2002) divide a Umbanda em duas vertentes:

**Umbanda popular** – O culto preserva fortes traços das raízes africanas. Para este autor, ritual que trabalha com exus e pomba-giras, podendo ser “cruzado” (misturada) com o Candomblé Angola; predomina entre seus fiéis a classe média baixa.

**Umbanda branca ou esotérica** – Tende a afastar-se da tradição africana, evitando quaisquer cerimônias em que esteja envolvido sacrifícios de animais, adotando ritos mágicos europeus e divulgando um mito de origem ligado à Atlântida e ao antigo Egito, o que a torna mais aberta à presença de brancos e membros de classes mais altas.

Existe também uma outra divisão de vertentes da Umbanda feita por Olga Gudolle Cacciatore. Em seu livro *Dicionário de Cultos Afro-brasileiros* (1988), a autora divide a Umbanda em

**Umbanda Esotérica, iniciática ou cabalística** – com uma doutrina de difícil compreensão e acesso às massas populares.

**Umbanda popular** – dotada de doutrinas mais simples e acessíveis. Olga Cacciatore, no entanto, conceitua a Umbanda branca como algo à parte: **Umbanda branca** – Nessa vertente só é utilizada a prática da magia branca e excluiu de seus rituais tudo que fosse chocante contra a ordem instituída pela sociedade dos brancos, como iniciação sangrenta, sacrifícios de animais, trabalhos de magia negra etc.. Trabalha basicamente com as linhas de caboclos e pretosvelhos, unindo seus mistérios, magias e sabedoria. É uma religião pura, extremamente

**Umbanda de branco** – culto muito próximo do Kardecismo e que usa roupa e sapatos brancos, mesa, sobre assoalhos de madeira. Conhecida como Umbanda de Cáritas, porque abre as sessões com a Prece de Cáritas, do Espiritismo de Kardec e se preocupa muito em praticar a caridade tanto material quanto espiritual .

**Umbanda-Canjerê** – Vem de Canjerê que é uma palavra de origem africana que quer dizer “dançando se faz um trabalho para resolver algo”. Mas há quem traduza o canjerê como sendo a própria dança de macumba. Sendo uma ou outra coisa, o que importa é o seu resultado satisfatório. O canjerê estabelece com a roda e a cantiga uma corrente cósmica e de forças sutis da natureza, capaz de resolver problemas de ordem material e espiritual aos quais estamos sujeitos e dos quais queremos nos livrar .

**Umbanda mística** – A base desta vertente é a religião e a fé. O místico afirma que, quando todos os recursos materiais se esgotarem, restará a fé. Em outras palavras: quanto toda a sabedoria humana e todos os remédios falharem, a fé faz o milagre .

**Umbanda esotérica** – Estuda as forças sutis da natureza pelas quais Deus, Anjos, Orixás, gênios e espíritos se manifestam. Também estuda a astrologia, a parapsicologia, a grafologia, a quiromancia, as propriedades medicinais e espirituais das plantas, a simbologia que envolve pontos riscados, talismãs, amuletos.

**Umbanda kardecista** – Nesta vertente seus adeptos se limitam apenas a doutrinar espíritos que se encontram perturbando alguém. Para isso, ocupam o médium como receptáculo do sofredor, para que este seja orientado e guiado no caminho da luz. É também conhecida como “linha branca de Umbanda”

**Almas e Angola** – Ramificação da Umbanda, com particularidades que se aproximam muito do Candomblé. Teve sua origem no Rio de Janeiro e atualmente essa vertente tem sua prática mais comum em Santa Catarina. Em Almas e Angola existem, por exemplo, obrigações internas denominadas feituas de Orixá ou camarinhas. Nessas atividades o médium tem sua cabeça raspada, fica recluso no Terreiro, deitado numa esteira por sete dias e, como ocorre no Candomblé, oferece menga – sangue de animais – aos Orixás. Na Umbanda tradicional isso não ocorre, pelo menos naquela que segue a linha de Zélio F. de Moraes.

Porém essas são apropriações da religião, pois a Umbanda é uma religião única, ou seja, tem uma base única, uma essência própria que independe de classificações e divisões.

Ortiz (1978, p.42) interpreta a constituição da Umbanda valendo-se de dois movimentos complementares: embranquecimento e empretecimento. Se por um lado a incorporação de valores “brancos” existia na Umbanda, por outro lado existia a recusa dos Kardecistas em aceitar os espíritos “negros” da macumba em suas mesas. De fato, a relação entre Umbanda e Kardecismo é o ponto crucial para a definição das origens da Umbanda como religião.

Ramos (1940), provavelmente foi um dos primeiros a abordar o tema Umbanda em seus estudos, em um trabalho publicado em 1934, *O Negro brasileiro*, mencionando os bantos, sob a perspectiva mais geral da busca pela sobrevivência dos africanos no Brasil, Ramos fala da umbanda como um segmento impreciso de se tornar algo grandioso, por considerá-la uma “linha” da nação que não teria destaque frente a outros segmentos Afro.

Segundo Rodrigues (1936) que descreve densamente sobre alguns rituais e feitiços das “Macumbas e Candomblés” do Rio de Janeiro e menciona “as linhas dos espíritos caboclos chamados Umbanda e Balalayô”, associando-as à “Magia Branca”. Gonçalves Fernandes (1941), realizou pesquisas durante 1938 e 1939 nas “Macumbas do Rio” e fala sobre cinco “terreiros” e “macumbas”, e cita a “macumba para turista”. Utiliza o termo “Ubanda” para designar o chefe do culto.

Bastide (1973) dedica praticamente todo um capítulo de sua monumental obra *As religiões Africanas no Brasil*, publicada em 1960, à Umbanda. O sociólogo francês demonstra certa frustração diante das indicações históricas que conseguiu

recolher a respeito de uma religião que julgava conhecer. Bastide se defronta com o preconceito e resistência à nova religião da população negra e propõe um entendimento da Umbanda como um segmento com base no Kardecismo.

A Umbanda atualmente é reconhecida como uma religião genuinamente brasileira com influências africana, ameríndia, kardecista e cristã. Brown(1974) propõe que “A Umbanda seja vista em uma perspectiva histórica, como um cisma sectário em relação ao movimento kardecista, mais do que um novo desenvolvimento das seitas afro – brasileiras” .

## 2.3 A Quimbanda

Quimbanda ou Kimbanda, segundo Ortiz (1978) vem do Quimbundo, mistura de dialetos africanos, que significa “Curandeiro” ou “Sacerdote da arte de curar”. Quimbanda também significa “aquele que se comunica com o além”.

A tradição mágica da Quimbanda tem origem no Congo, porém o culto no Brasil começou a ser reconhecido a partir do século XX quando a macumba se dividiu em dois segmentos: Umbanda e Quimbanda, sendo a primeira a incorporar traços religiosos cristãos e kardecistas e a segunda, apenas elementos africanos e pagãos. Desde o final dos anos 1899 a 1950, o termo macumba era utilizado para pejorativar todas as crenças consideradas primitivas pela classe branca dominante. Os brancos consideravam a Macumba como algo profano e mal. (Bourbon-Galdiano-Montenegro, 2009)

Segundo Altair Pinto, em seu Dicionário de Umbanda [19??], define Quimbanda como “A mesma coisa que Magia Negra, ou melhor o Candomblé que surgiu, entre nós, primeiramente na Bahia, oriundo de uma mistura de rituais praticados pelos escravos da África” (PINTO, Altair, 19??)

A Quimbanda de acordo com a definição de Olga Cacciatore (1988) aparece como magia negra vinculada às influências africanas:

Quimbanda – Linha ritual da Umbanda que pratica a magia negra. Essa linha é assim chamada pelos umbandistas de “linha branca”, pois os praticantes se dizem apenas umbandistas. A Quimbanda, influenciada mais diretamente pelos negros bantos – cabindas, benguelas, congos, angolans, moçambiques etc. – chegados dos portos africanos ao Rio de Janeiro, não fugiu ao sincretismo. (...) Mediante encomenda realizam feitiços ou contra-feitiços, visando favorecer ou prejudicar determinadas pessoas. (...) As giras de Exu são freqüentes, realizadas comumente a partir da meia-noite de 6ª feira. Exus e Pombagiras diversos “baixam”, dançam, fumam charutos ou cigarrilhas, bebem aguardente (marafó), dizem gentilezas ou palavrões aos assistentes e dão consultas sobre saúde ou problemas pessoais. (...) A Quimbanda cultua muito Omolu, orixá ligado à terra e à morte, considerando-o “Rei do Cemitério”. No cemitério é feita uma parte da iniciação de muitos quimbândeiros, devendo o iniciado deitar algumas horas sobre um túmulo, entre velas e cânticos do Pai ou Mãe-de-santo e iniciados do terreiro, tendo de cumprir, antes e depois, diversas obrigações. (...) São muito usados os “trabalhos” com pólvora, pós e ervas mágicas, dentes e unhas, cabelos (animais e humanos), galos e galinhas pretos (que são, às vezes, estraçalhados entre os dentes do iniciado incorporado com um exu (...)). Os despachos são colocados em encruzilhadas em cruz (macho) ou em T (fêmea), com velas, flores e fitas vermelhas, pipocas, milho etc. e animais de duas ou

quatro patas, de penas ou pelos pretos ou vermelhos, em alguidares de barro, não sendo, porém, negativos todo os despachos de rua. (...) Os terreiros quase sempre são pobres, localizados em morros ou locais afastados .

Bourbon-Galdiano-Montenegro (2009,p.27), define a Quimbanda como uma religião monoteísta em que seu Deus supremo é conhecido como Nzambior Nzambi Mpungu ,que significa “Deus Supremo do Grande mistério primordial dos céus e da terra”, também conhecido como NzambiNtoto “Aquele que anda sobre a terra”. A Quimbanda é uma religião que, tanto quanto o Candomblé e diferente da Umbanda cultua a Ancestralidade em seus cultos. Sua prática veio com os africanos escravizados no Brasil por volta do século XIX e reúne elementos indígenas, africanos e pagãos europeus,fruto da miscigenação cultural.

O culto da Quimbanda utiliza-se de uma parte religiosa, que visa uma conexão interna com as formas ancestrais, mas também possuem seu cunho místico e sua gnose esotérica. Utilizam-se da mágica e da feitiçaria primal e tribal, herdadas dos Ancestrais. Cura, afligir inimigos, conquistas amorosas, imposição da vontade são também elementos presentes no exoterismo e feitiçaria, embora não sejam objetivos finais ou cruciais do culto.

A Morte como transição é um fator muito presente no culto, pois para entendermos a vida, também temos que entender a morte. A ancestralidade se manifesta principalmente na figura dos Exus e os seus femininos correspondentes, as Pombo Giras, que são os espíritos chamados de guardiões que atendem aos desejos e anseios daqueles que buscam neles soluções para seus problemas.

De acordo com Montenegro (2012, p.15) dentro do culto da Quimbanda não existem conceitos de “certo” e “errado”, “Só existem consequências que resultam das nossas escolhas e das nossasdecisões.”.

A figura do Exu dentro da ritualista das religiões africanas tem um papel importante: Exu é o mensageiro, é o elo de comunicação entre humanos e divindades. Exu é o movimento. Erroneamente associado ao Diabo cristão, de acordo com a crença católica, o orixá mensageiro e interlocutor entre os dois

mundos. Bastide (1972) e Mucci (1972) apresentam um mito que afasta a ideia da associação demoníaca e má de Exu:

O Rei do Congo" tinha três filhos, Xangô, Ogum e Exu. Este último não era exatamente um mau rapaz, mas era retardado e por isso mesmo turbulento, brigão e lutador. Depois de sua morte, sempre que os africanos faziam um sacrifício aos espíritos, ou celebravam uma festa religiosa, nada dava certo; as preces dirigidas aos Orixás não eram ouvidas; os rebanhos foram dizimados por epidemias; as colheitas secaram sem produzir frutos, os homens caíam doentes. Que tabu teria sido violado? O Babalaô consultou os "obis" e estes responderam que Exu tinha ciúmes, querendo sua parte nos sacrifícios. Como as calamidades não cessaram, continuando a assolar o pai, o povo voltou a consultar o "Babalaô". Mais uma vez tiraram a sorte e a resposta não tardou a vir: "Exu quer ser servido em primeiro lugar — mas quem é esse Exu?" — "Como? Não vos lembrais mais dele"? — "Ah, sim, aquele pretinho tão amolante". — "Exatamente esse". E foi assim que dali por diante, não se pôde fazer nenhuma obrigação, nenhuma festa, nenhum sacrifício sem que Exu fosse servido em primeiro lugar. Estava assim estabelecido o padê de Exu realizado tanto nos Terreiros Umbandistas quanto nos de Candomblé.

De acordo com Montenegro (2009) A quimbanda se divide em sete linhas que regem e organizam as forças existentes dentro do culto, que são elas:

**Linha Malei:** Onde o chefe é *Exu Rei*: composta por sete falanges, cada qual com seu chefe, e seus sete respectivos subordinados. Os componentes desta linha são os componentes do Alto Comando do Povo de Exu, por este motivo é entendida como a linha que opera e comanda todas as decisões dentro do reino. Esta linha funciona como um alto conselho, uma alta cúpula que rege e administra o reino de Exu, seus componentes se apresentam sempre com roupagem de cor escura, cobertos por uma luz vermelha e sem brilho.

**Linha das Almas:** *Omulu*. Encontra-se nesta linha espíritos vulgarmente conhecidos como omulus, e isto se deve pelo fato de este espírito sob a égide de Omulu, tanto no Organograma, quanto diretamente subordinados a ele em sua linha, outro fato que vem elucidar o fato pelo qual estes espíritos são conhecidos pelo denominativo supra citado, é que estes tem por morada os cemitérios, onde também são realizadas suas entregas, são espíritos que se apresentam cobertos de pelos, unhas em forma de garras, chifres e rosto semelhante a lobos e com olhos vermelhos.

Linha do Cemitério ou dos Caveiras: *Exu Caveira*. Tendo sob sua responsabilidade as ações dos espíritos vulgarmente conhecidos como caveiras, sendo suas manifestações, não para todos estes elementos, na forma de esqueletos. Há sim, alguns destes espíritos que se apresentam e manifestam-se como esqueletos, porém não todos. O fato que outorgou-lhes o denominativo de caveiras é o simples fato de que estes espíritos trabalham e respondem obediência a Exu Caveira, também e pelo fato de que estes espíritos trabalham, e recebem suas oferendas dentro dos cemitérios.

Linha Nagô: *Exu Gererê*. Os espíritos que são os componentes desta linha são exímios entendidos na prática da magia, seja astral, seja natural ou qualquer outra forma ou modalidade a eles requisitados. Sua atuação principal é dentro da magia vodu, Os espíritos que se apresentam dentro desta linha são denominados vulgarmente de "Gangas". Este fato é existente pelo pouco conhecimento que se tem que o chefe desta linha é Exu Gererê, ou seja, é ele um Exu pouco conhecido, apresenta-se sempre com uma armadura, carregando um tridente e uma espada, porém confundido com Exu Ganga, que por sua vez, é por demais conhecido dentro das giras Umbandistas e Quimbandistas, e é este Exu, elemento desta forte e perigosa linha da Quimbanda.

Linha de Mossurubi: *Kaminaloá*. Os espíritos que se apresentam dentro desta linha possuem uma especialidade real para os males de origem espiritual que por ventura venham causar perturbações dentro da mente do ser humano. São os elementos desta linha exímios conhecedores da mente humana e por esta razão são evocados para realizarem os mais diversos tipos de trabalhos onde se necessite o tratamento mental ou desenvolvimento mental para se conseguir os objetivos do operador.

Linha dos caboclos Quimbandeiros: *Exu Pantera Negra*. Conhecido por este nome devido à sua enorme coragem e força para vencer demandas e realizar os mais terríveis trabalhos de magia, além de ter o poder de curar até doenças tidas como incuráveis, também possui o poder de enriquecer quem a ele recorrer, esta linha possui este denominativo não é atoa, pois os espíritos que compõe esta linha se apresentam como se fossem caboclos, tendo especialidade em trabalhos de cura e desobsidiação, além de favorecerem as riquezas materiais e tesouros.

Linha mista: *Exu Mirin*. Linha de Exus considerados crianças, adolescentes, trabalham velas cor de rosa e preta, azul e preta, doces, balas, guaraná, mel, etc.

A Quimbanda sofre ainda muito preconceito por ser considerada pejorativamente um culto de “esquerda” e de “Magia Negra” por ter como figura principal as entidades denominadas Exus. Ao contrário da Umbanda, que uniu os ensinamentos da religião Kardecista e Católica, a Quimbanda se mantém fiel ao culto originário da África, sem nenhum traço cristão.

A Quimbanda estaria oculta, em parte por um cerceamento atinente à discriminação social e cultural dos seus elementos mais ‘negros’ e valorização dos elementos mais ‘brancos’, porém, em parte apareceria como íntima interlocutora das raízes históricas da espiritualidade afro-brasileira (Lapassade e Luz, 1972).

## 2.4 O Omoloko

Segundo Gilberto D'Oxóssi (1995), o culto Omolokô é uma prática religiosa originária de um povo da região de Lunda, que fica situado a nordeste de Angola, denominada Kioko que se disseminaram pelas zonas situadas nas nascentes de dois rios Kuango e Kasai. A expansão de seus domínios ao longo dos séculos acarretou a junção dos povos que ficaram conhecidos como Lunda-Kioko.

No Brasil o culto originário no Malê Mussurumim do Mina Jeje do Maranhão que obteve seu reconhecimento maior no Rio de Janeiro com práticas rituais de cultos a Orixás e que aceita culto aos caboclos, pretos velhos e demais entidades espirituais, o Omoloko é apontado por estudiosos como um dos principais influenciadores da criação da Umbanda Africanizada, ao lado do Candomblé de Caboclo, Cabula e do próprio Candomblé. (Gilberto D'Oxossi, 1995)

A origem do nome Omoloko possui várias vertentes. De acordo com o Babalorixá Ornato José da Silva em seu livro *Culto Omoloko: os filhos do terreiro* (1985), Omoloko é uma palavra de origem Yorubá que significa OMO = filho, OKO = Fazenda. Os cultos eram realizados na zona rural, por conta da repressão policial que proibia cultos de origem africana no início do Século XX. Talvez por isso temos hoje em dia a denominação de "terreiro de roça" os locais onde são realizados os cultos afro brasileiros. Pode – se também relacionar a palavra Omoloko a Orixá Oko, Deusa da agricultura, que era adorada nas noites de lua nova pelas mulheres agricultoras de inhame. Essa Divindade era assentada junto ao orixá Oxóssi, que é um orixá de extrema importância no Omoloko, motivo pelo qual o culto aos caboclos é extremamente significativo a esse culto.

No Omolokô as divindades possuem nomes em línguas Yorubá, Fon-Ewe ou Congo-Angola e o culto aos orixás é muito semelhante ao Candomblé Ketu e nele são utilizados os Oriki, que são poemas laudatórios para homenageá-los e são assentados de forma semelhante. Os Orúkọ (nomes iniciáticos) são dados por meio da consulta ao jogo de búzios. (Freitas; Pinto, 1997)

O músico e escritor Nei Lopes no livro *Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana* (2004 p.497) defende a tese de que o Omoloko seria um “antigo culto banto cuja expansão se verificou principalmente no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. O nome liga-se provavelmente ao quimbundo *muloko*, ‘juramento’, ou ao suto *moloko*, ‘genealogia’, ‘geração’. ‘tribo’. Na Angola pré-colonial, Ngana-ia-Moloko era o sacerdote encarregado da proteção contra os raios”

Na religião Omoloko o culto aos Lunda, como são chamados os orixás, tem características bem diferentes dos cultos de outras nações possuindo eles Orixás maiores, que são as forças da natureza, e os orixás menores, nome dado as entidades que fazem a interlocução entre o ser humano e o Orixá.

<b>CORRESPONDÊNCIA DAS DIVINDADES</b>			
<b>ORIXA (KETU)</b>	<b>INKISE (ANGOLA)</b>	<b>LUNDA/KALUNDU (OMOLOKÔ)</b>	<b>VODUN (JEJE)</b>
EXÚ	PANGIRO/PAMBOINZILA	ALUVAIA/DUNDU KIANGUIM	BARÁ
OGUM	NKOSI	KANGIRA	TOGUNSI
OXOSSI/ODE	KABILA/TAWAMIN	MADÉ/UIISI	
OSSÃE	KATENDÊ		AGUÊ
XANGÔ	NZAZI-LWANGO	KIAGUIM KINDELE	BADÉ
IANSÃ	MATAMBA/BAMBURUCEMA	UISU KUKUSUKA	AVEJIDÁ
OXUM	KISSIMBI/NDANDALUNDA	MOLUMBE	AZIRI
LOGUM EDE	TEREKOMPENSU	TEREKOMPENSU	
IEMANJA	MIKAIA	ANILI KINDELE	
NANÃ	ZUMBARAMDA	NUMBA KINDELÉ	
OXUMARÉ	ANGORO	ANGORO	BESSEM
OMULU	KAVUNGO	DANDU KINDELÉ	AZAMSSUM
IBEJI	WUNGE	CACULU	RÔRÔ
IROCO	KITEMBO	DIAMBANGANGA	LOKO
EWA	MINA NGANGI		
OBÁ	MINA LUGANDO	CARAMOCÊ	
OXAGUIÃ	LEMBA DILE	KINDELE	OLISÁ
OXALUFÃ	LEMBANGANGA	GAMGARUMBANDA	

Titulo:Correspondências das divindades

Fonte: [www.uniafro.xpg.com.br](http://www.uniafro.xpg.com.br)

O Omolokô segue uma linha hierárquica de estrutura que obedece a mesma dos grupos Yorubá:

Babalorixá ou Yalorixá: Sacerdote ou sacerdotisa, mais conhecido como Pai e Mãe de Santo. São as autoridades máximas no culto aos Orixás;

Yakekerê e Babákekerê: Filho de Santo como obrigação de “Sete Linhas”;

Dagã: A pessoa que tem mais tempo de iniciação dentro do terreiro;

Ogã Nilú e OgãCalofé: Tocador de atabaque. Pessoa que dá início à maioria dos cânticos aos orixás nas giras(atualmente esses dois cargos tem sido ocupados por uma mesma pessoa);

Axogun: Pessoa que, nas obrigações, sacrifica os animais;

Yabassé ou Yaba: Cozinheira das comidas sagradas dos orixás;

Combono: Pessoa que nas giras atende aos orixás

Exi de orixá: Filho de santo em geral.

A roça-de-santo é uma distinção utilizada, inclusive, pelos Omolokos para denominar o local onde se concentram as comemorações e rituais aos Orixás. O termo é uma referência ao período colonial em que os escravos cultuavam aos Orixás às escondidas nas roças e fazendas dos senhores de engenho. A roça-de-santo possui distintos locais que concentram axé, onde juntos, emanam energia que têm como função: proteger, encantar, equilibrar e acentuar a fé dos omorixás da roça e pousar os visitantes.

A roça-de-santo é dividida em dois ambientes: O público e o sagrado.

O público:

Local onde se pode beber e fumar e onde se serve o Ajeum (refeição, comida), sendo um lugar que se é permitido maior descontração. Quintal.

O sagrado:

Onde se encontram os atabaques e onde é executado o xirê do santo, saídas e obrigações. Sala.

Onde se guardam todos os apetrechos e vestimentas dos Orixás. Peji.

Onde estão guardados parte dos segredos da Roça-de-santo e onde são realizadas as iniciações. Roncó.

Onde se preparam todas as comidas de santo. Cozinha-de-santo.

Onde ficam os igbás e as coisas mais sagradas dos Orixás. Quartos-de-santo.

### 3 MEMÓRIA

De acordo com Le Goff (1997) os fenômenos da memória são os resultados de sistemas destaca que os fenômenos da memória são os resultados dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. Isso levou alguns cientistas a aproximar a memória de fenômenos ligados à esfera das ciências humanas e sociais. A falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos ou nas nações pode ser o fator determinante de perturbações graves da identidade coletiva.

A memória social é interdisciplinar, isto é, se integra a diferentes áreas disciplinares sendo impossível definir uma limitação dentro de um determinado campo de estudo por possuir uma complexidade conceitual, sendo a sua conceituação ampla.

O sociólogo Halbwachs (1968) foi o pioneiro nesse tema e um dos grandes estudiosos sobre o assunto. Ele afirma que a Memória Social é a essência do conhecimento coletivo e cultural determinado por um grupo em um determinado contexto. Em sua análise de memória coletiva, Halbwachs mantém o foco sobre diferentes pontos de referência que estruturam a nossa memória, inserindo-a na coletividade a que ela pertence.

De acordo com Pollak (1992), o conceito de memória social seria uma aproximação com o pensamento de identidade, sendo um fenômeno construído social e individualmente: “A memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”

Ainda abordando Pollack (1992), a definição de memória seria em sua visão seria seletiva e socialmente construída, existindo três critérios para se localizar essa memória. Seriam eles: a) por pessoas, personagens; b) por lugares, por exemplo, um lugar que marcou a infância ou a ocorrência de uma batalha; e por último, c) por locais distantes do tempo e no espaço de uma pessoa. O autor atenta que esses critérios podem ou não se referir a critérios empiricamente fundados, ou seja, podem ser projeções de outros eventos, lugares ou personagens. Segundo o

autor, a memória sofre influência das preocupações do momento em que a mesma é construída, constituindo um elemento de estruturação da memória, sendo assim, a memória é um fenômeno individual e socialmente construído, sendo objeto de disputa entre os diferentes grupos políticos que compõe a sociedade como um todo.

Os estudos sobre memória nas últimas décadas têm aparecido em um significativo número de análises sociais, onde esses estudos representam uma abordagem interdisciplinar, onde a integração com as dimensões de “tempo”, “indivíduo” e “sociedade” representam uma nova percepção dentro do campo de estudos sobre a memória, onde a noção de temporalidade passa a ser incorporada e o passado e presente que passam a entender o processo de memória social e coletiva.

Gondar (2005) ressalta o perigo de se tentar conceituar memória social, por entender que existem várias maneiras de abordá-la, sendo a memória considerada pela autora “um território móvel, cujas fronteiras alojam uma multiplicidade de definições. Sendo assim, Gondar não conceitua mas elabora quatro proposições sobre memória

- Primeira proposição: **O conceito de memória é transdisciplinar**

A transdisciplinaridade defendida por Gondar no conceito de memória social decorre pelo motivo do mesmo não pertencer a nenhum campo específico ou delimitado disciplinar. “A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas.” (GONDAR, 2005)

- Segunda proposição: **O conceito de memória é ético e político**

“Uma apresentação panorâmica e pretensamente imparcial sobre as diversas noções de memória social pode parecer aberta às diferenças, mas de fato encobre uma pretensão totalizante em que as diferenças se esvaem, pois se o conceito de

memória social apresenta significações diferentes, isso não quer dizer que elas sejam equivalentes”. (GONDAR, 2005)

Nesta afirmação a autora defende a memória como um conceito plural, isto é, não se pode apresentá-la como uma mera polissemia de conceitos.

- Terceira proposição: **A memória é uma construção processual**

Jô Gondar admite que a memória é uma construção, e seguindo essa linha de pensamento a autora condena termos como “resgate” e “reconstituição” quando os mesmos são associados a memória. Isso porque “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR,2005)

- Quarta proposição: **A memória não se reduz a representação**

A autora destaca a importância da memória que vai além de meras representações. Diante de tudo que a memória abrange, sua representação é apenas um fragmento de algo muito mais complexo e abrangente. “Se reduzirmos a memória a um campo de representações, desprezamos as condições processuais de sua produção.” (GONDAR, 2005)

Gondar demonstra em seu artigo uma linha de pensamento que é totalmente contra os processos de resgate da memória. A autora deixa bastante claro que a memória não pode ser simplesmente resgatada, sempre haverá mudanças. Considerando que há mudanças, torna-se muito mais simples admitir que a memória é uma construção e que se modificará constantemente.

Segundo Pollak, o processo de identidade é construído a partir de três elementos essenciais: unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. É aí que se localiza a relação entre a memória e a identidade, pois “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução” (Pollak, 1992, p. 5). De acordo com o autor, a identidade social é a imagem de si, para si e para os outros. Sendo assim, a identidade social é, assim como a memória, um valor disputado em conflitos sociais

e intergrupais em embates políticos. Desta maneira, Pollak defende o uso da história oral como um método de apoio da memória:

... Se a memória é socialmente construída, é obvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal qual e qual ela se apresenta (POLLAK, 1992).

Dentro do contexto das religiões de Matrizes africanas o conceito de memória social se dá por meio da preservação de sua identidade cultural utilizando como veículo de disseminação a oralidade .A religião africana é uma fonte de identidade cultural e de resistência,de acordo com Lody “Nos valores religiosos, estão assentados os grandes princípios da identidade do homem, naquilo que podemos considerar elemento primordial da existência, explicando e procurando uma localização no tempo e espaço “ (LODY, 2006, p. 112).

Para os africanos a tradição oral sempre foi mais importante que a escrita ,a memória artificial .De acordo com Reyzabal,a tradição repassada oralmente auxilia na identidade cultural do indivíduo:

A tradição oral nos encaminha para nossas raízes e permite sermos partícipes da existência em coletividade [...]A escrita fixa no papel,a oralidade fixa na memória[...]Nesse sentido a tradição e literatura orais não só representam o produto da imaginação e fantasia ,mas também permitem a integração do indivíduo na cultura criada pela coletividade (REYZABAL,1999 p. 259-261).

Buscando entender a relação entre identidade étnica e as religiões de matriz africana temos que entender também noções de ancestralidade e territorialidade.Santos (2011) ,afirma que “a ancestralidade é um fator preponderante na concepção de identidade que o sujeito constrói ao longo do tempo de sua existência sobre si mesmo e os seus afins e aprende a afirmá-la e afirmar-se frente a sua alteridade”

A oralidade como forma de preservação da identidade cultural das Religiões de Matrizes africanas tem como objetivo disseminar sua cultura ,preservando a memória coletiva e social dentro dessas comunidades,mantendo sua história e tradição.

## 4 METODOLOGIA

Considerando o assunto proposto, a pesquisa para este trabalho de conclusão de curso foi realizada em etapas para melhor entendimento e filtragem de informação.

Como o tema da pesquisa eram as religiões de matrizes africanas no Brasil, com ênfase na região sudeste do país, foram escolhidas as religiões de maior número de seguidores e as que se formaram nos estados que compõem a região supracitada.

No primeiro momento realizou-se a pesquisa buscando conceitos, partindo-se de um levantamento bibliográfico, procurando, desta forma uma estrutura para formar a linha metodológica do trabalho através de bibliografias específicas sobre a temática em questão, sendo feita a leitura de livros, artigos de periódicos e buscas em sites da web. Como o trabalho girava em torno da memória de da documentação das religiões, a pesquisa se deu a partir da busca por grandes pesquisadores e antropólogos sobre o assunto.

Em um segundo momento foi feita a seleção quanto a ordem dos temas a serem abordados no trabalho seguidos da importância e veracidade dos mesmos. A seleção de obras incluiu livros, artigos, revistas, periódicos, ensaios e teses de pesquisadores sobre o assunto.

Foi estabelecida uma delimitação territorial para abordar o tema proposto, fazendo com que a pesquisa se tornasse menos exaustiva e mais específica, contribuindo para um melhor entendimento. Para o trabalho foi escolhida a região sudeste do Brasil, onde se concentram o maior número de casas de candomblé e onde existe a maior diversidade de cultos Afro - brasileiros

Fez-se também o uso de entrevistas em vídeo de sacerdotes de maior destaque dentro da religião afro no Brasil, utilizando seus pontos de vista para sobre a cultura e preservação do culto de segmento africano no Brasil e também documentários sobre o tema abordado, para melhor compreensão e desenvolvimento do trabalho. Foram utilizados vídeos do Youtube com depoimentos de sacerdotes e documentários abordando o tema proposto. Os documentários

utilizados para a pesquisa foram: Caminhos da Religiosidade Afro-Riograndense(2013),Entrevista depoimento com Mãe Menininha do Gantois(1974),Gisele Omindarewa (2009) , Omolokô:raízes da Africa (2012) e O poder do machado de Xangô (1976).

## 5 ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Com base nas pesquisas realizadas utilizando videos do Youtube, a análise de dados foi feita a partir de entrevistas concedidas por sacerdotes de cultos afro e documentários coletando informações sobre as mesmas para a interpretação dos resultados obtidos.

Tendo como foco da pesquisa deste trabalho de conclusão de curso a preservação da memória dos cultos de matrizes africanas, foi observado que existem pontos em comum entre os segmentos das religiões africanas, como a forma de organização dentro dos seus cultos e a interação com os elementos da natureza nas suas ritualísticas.

Outro ponto a ser observado é o ponto de vista dos sacerdotes quanto a preservação da memória do culto e dos costumes deixados pelos seus ancestrais e a preocupação em estabelecer uma linha sucessória, estabelecendo assim a continuidade do culto

A descendência se torna importante dentro do culto africano, pois identifica a origem de cada nação do Candomblé, temos como exemplo Mãe Meninha do Gantois no vídeo *Entrevista depoimento (1974)* cuja sua linha sucessória vêm de sua bisavó Nigeriana, que fundou aqui no Brasil a nação do Gantois que, tal como o Engenho Velho, é de tradição Nagô e a linha de sucessão é feita somente entre seus descendentes carnis.

Foi apurado também que a descendência tem um papel importante no reconhecimento da tradição dentro do culto do Candomblé. Mãe Meninha do Gantois é da Nação Nagô, mais tarde fundida ao Jeje junto com o Engenho Velho. Mãe Omindarewa por sua vez faz parte de um cruzamento entre a Nação Gomeia e Nação Keto e Pai Obarayin, sacerdote da nação keto tem como descendência a Gomeia e o Gantois. A linha sucessória nestes casos é dada ao filho ou filha de santo mais antiga da casa.

Dentro do culto Omelokô a tradição vem se perdendo pela falta de continuidade da linha sucessória dentro de suas roças. Culto que teve sua ascensão no Rio de Janeiro e reconhecimento através de Tancredo Silva Pinto, o

Tata Ti Inkice, com sua junção de culto aos orixás do candomblé e as entidades brasileiras e ameríndias da Umbanda, corre o risco de ser extinta. Com poucas casas ainda em atividade, como a Casa Pai Serafim de Angola, o seu sacerdote, o Babalorixá Carlos Ti sangô comanda seus médiuns, é um exemplo de resistência. No documentário *Omokô-Raízes da África (2012)*, o Sacerdote fala sobre a importância do Omokô e sobre a importância da preservação da memória do seu culto.

Na Quimbanda, culto originário da África que mais conservou suas origens através do tempo, observa-se a necessidade de preservação da religião e o respeito aos seus rituais, por ser uma religião ligada à espíritos mais ancestrais e “marginalizados”. Mãe Ieda de Ogum no documentário *Caminhos da Religiosidade (2013)*, fala sobre o culto Quimbanda, o preconceito pela falta de informação e a sua importância dentro da religiosidade brasileira, explicando e desmistificando a figura de Exu, demonizada na cultura ocidental. O grande desafio enfrentado na religião é a falta de literatura a respeito, o que torna a Quimbanda uma religião fechada e apenas com seu conhecimento repassado aos seus seguidores.

A Quimbanda sofre com o preconceito por ser intitulada uma religião que prega o caminho da “esquerda”, o caminho obscuro, o contrário acontece na Umbanda, religião genuinamente brasileira que adotou elementos de rituais africanos em seu culto vem crescendo o seu número de seguidores e adeptos. Nascida em São Gonçalo tendo Zélio de Moraes o seu fundador, a Umbanda já sofreu com a discriminação, sendo vista como “espiritismo negro”, por ser uma religião que tem forte fundamento dentro do Espiritismo.

A sucessão dentro da Umbanda acontece de forma linear, sendo sempre assumido pelo filho de santo mais velho da casa, mesmo não havendo nenhum tipo de parentesco entre eles, diferente de algumas poucas nações de Candomblé, visto o Caso do Engenho Velho, onde apenas seus descendentes carnais assumem o lugar no sacerdócio. Religião sincrética com Catolicismo e Kardecismo, a Umbanda já faz parte da cultura brasileira, antes considerada subversiva e proibida na Era Vargas até aos dias atuais ser declarada patrimônio cultural imaterial no estado do Rio de Janeiro.

Quanto à preservação da memória das religiões de matrizes africanas todos os sacerdotes respeitam e seguem toda a liturgia de seus cultos, como as rezas, as comidas, os cantos, os rituais assim como foi passado pelos seus ancestrais é reproduzido para seus descendentes dentro de seus terreiros, roças e barracões.

Podemos dizer assim que as Religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda se fazem práticas essenciais de resistência africana no Brasil. O candomblé por reinventar a religiosidade da África trazida pelos escravos no Brasil como forma de expressar as dificuldades, opressões e restrições encontrados por eles para se estabelecer cultural e socialmente como negros dentro da sociedade brasileira e a Umbanda e posteriormente a Quimbanda procurar, pela ação da classe média branca, e depois pelos segmentos menos favorecidos da população, em sua maioria mulata, negra e índia, refazer a ideia de Brasil inserido na África, o africano e sua cultura como elemento de constituição de uma nação. A nação brasileira.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo mostrar algumas religiões de matrizes africanas na região sudeste do Brasil, fazendo um apanhado histórico de séculos de fé, dedicação e resistência, mostrando a força da religiosidade africana que resistiu em solos brasileiros, adquirindo uma identidade nova, porém conservando suas raízes.

Falar sobre religião de matrizes africanas não é fácil. E falar dela sob a ótica acadêmica é um desafio. A proposta deste trabalho foi mostrar como apesar de séculos de escravidão e perseguição a religião se manteve através de seus ensinamentos passados oralmente, uma forma de dar continuidade a cultura e a história ainda vivas dentro de seus templos.

As religiões de matrizes africanas se impõe a muitos, constituindo outro universo, impondo dentro de seus limites a sua hierarquia, os seus códigos de valor. Através dela se afirmam os elementos culturais africanos para os não negros e até para os não devotos, reinstalando a alteridade cultural. O exemplo das religiões de matrizes africanas fica a demonstrar a existência na sociedade brasileira de formas multi e monoculturais coexistindo em seus vários aspectos. Fica a comprovar que, historicamente, as mudanças têm ritmo e não se processam de maneira acabada. São frutos das ações humanas que são muitas vezes contraditórias, por não poder, pela sua própria essência, ser perfeitamente lógicas.

A preservação da história se dá também por meio de pesquisadores e estudiosos que com o mesmo pensamento de não deixar no esquecimento uma parte de nossa cultura, registrando-a em obras biográficas os fatos, sensações, motivações, significados e relatos. A religião que resistiu à distância de sua terra e fez do Brasil a sua nova morada. A religião que se refez e resistiu, que se reinventou com o passar dos séculos e hoje faz parte da cultura brasileira.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário histórico das religiões**. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1985.

BURBON-GALDIANO-MONTENEGRO, Carlos Antônio de. **A religião quimbanda: os segredos da magia afro brasileira**. Los Angeles; CA: Candomblé Church Publications, 2009.

BRAGA, Lourenço. **Umbanda e Quimbanda**. Rio de Janeiro : Livraria Jacintho, 1942.

BROWN, Diana. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero Iser, 1985.

BATISTA, Milena Xibile. **Candomblé: memória e transmissão cultural em uma comunidade religiosa de matriz africana**. In: ANAIS DO SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS UFES. 1, 2011. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE AFRO-RIOGRANDENSE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CtCM1nbQPRk>. Acesso em: Nov. 2016.

CORRAL, Janaína Azevedo. **As sete linhas da Umbanda**. São Paulo: Universo dos livros, 2010.

GANTOIS, Meninha. Entrevista depoimento com Mãe Meninha do Gantois. Entrevista realizada por: Ramalho Neto, em 19 de janeiro de 1974. 7'31". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f7IMF3PGe4I> Acesso em: mai. 2016.

GISELE, Omindarewa. Direção: Clarisse Ehlers Peixoto, Montagem: Sueli Nascimento. 60'11". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PowR8233dOA> Acesso em: mai. 2016.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

GONDAR, Jô. **Quatro proposições sobre Memória Social**. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1968.

LAPASSADE, Georges; LUZ, Marco Aurélio. **O segredo da macumba**. Rio de Janeiro, Paz Terra, 1972.

LE GOFF, Jacques. **Memória; Passado/presente**. In: Enciclopédia EINAUDI, Memória- História, Vol. 1. Portugal: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, p. 11-50; 293-310, 1997.

LODY, Raul. **Jóias de axé: fios de contas e outros adornos do corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MUELLER, Suzana P. M. **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

OMOLOKÔ RAÍZES DA ÁFRICA. Disponível Em: <https://www.youtube.com/watch?v=ULB6mn6QkLY>. Acesso em: nov.2016.

OLIVEIRA, J Alves. **Umbanda cristã e brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, [1985].  
\_\_\_\_\_. **O que é umbanda**. Rio de Janeiro: [s.n], 1961.

PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Eco, sem data. 3ª edição.

PODER DO MACHADO DE XANGÔ, O. **Globo Repórter**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QCMSqGK0fGA> Acesso em: jun.2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940 [1934].

REHBEIN, Francisca C. **Candomblé e salvação: a salvação da religião nagô a luz da teologia cristã**. São Paulo, Loyola, 1985.

REYZABAL, Maria victoria. **A comunicação oral e sua didática**. Rio Grande do Sul, Edusc, 1999.

RODRIGUES, Nicolau. **Macumbas e candomblés**. Rio de Janeiro: [s.n], 1936.

SANTOS, Magnaldo Oliveira dos. **Religiões de matrizes africanas - territorialidades de Afirmação de ancestralidade africano-brasileira**. XI Congresso

Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador-Ba, Universidade Federal da Bahia (UFBA). PAF I e II, Campus de Ondina. 07 a 10 de agosto de 2011.

SILVA, Ornato José da. **Culto Omoloko**: os filhos do terreiro. Rabaço Editora, Rio de Janeiro, 1984.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Caminhos da alma**: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida. **Multiculturalismo e religiões afro brasileiras**: o exemplo do candomblé. *Revista de Estudos de Religião – REVER*. São Paulo, p.36-55, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Fluxo e refluxo**: o tráfico de escravos entre o golfo de Benin e a Bahia. Salvador: Bahia : Currupio, 1987.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. São Paulo: Currupio, 1981.

Templo Espiritual Caboclo Pantera Negra. Disponível em: <https://sites.google.com/site/caboclopanteranegra/textos-doutrinarios-e-informativos/a-umbanda-omoloko>. Acesso em 15 mai 2016.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São paulo: Atica, 1978.